

Carta ao senhor Prefeito

RAUL MARTINS COSTA

Meu caro prefeito Orestes Quércia.

Eu poderia chamá-lo de você, pois tenho idade para ser pai. Seria, também, uma maneira mais afetuosa de tratamento. Mas respeitando a importância do cargo que você exerce e para que ninguém pense que eu esteja tentando demonstrar uma intimidade que não tenho com o prefeito, que mal conheço e que nem ao menos foi o meu candidato nas eleições, vou, nesta carta aberta, empregar um cerimonioso e soleníssimo "senhor".

Pois bem, senhor prefeito. O assunto já está meio batido, repizado. Eu mesmo já o abordei, no mínimo, três vezes, aqui mesmo, neste cantinho de página. Mas se volto a bater na mesma tecla, se estou, outra vez, martelando o mesmo assunto, é porque existe uma razão plausível. E o senhor vai concordar. O senhor e os meus possíveis leitores.

Trata-se, senhor prefeito, nada mais, nada menos, do que a questão ligada ao Palácio dos Azulejos tombado pelo Instituto Histórico e Geográfico, porque representa, de fato, pela sua arquitetura, pelo seu estilo, algo evocativo do passado, de um tempo que já vai distante, quando existiam os Barões, os escravos, o bondinho de burro, a iluminação a gaz e que uma viagem à Lua parecia coisa fantástica que Julio Verne imaginava nos seus livros cheios de fantasias.

Preocupo-me, senhor prefeito, como campineiro, das coisas da minha terra, com o destino daquele velho solar, edifício realmente histórico, cenário que foi de acontecimentos marcantes na vida social, política e administrativa da cidade e que recebeu tanta gente importante, inclusive, se não estou enganado, do próprio Imperador Pedro II.

Ouçó aí, pelas esquinas, que a idéia da instalação do Museu Municipal no velho edifício vai ficar para as calendas gregas. Que as dependências vagas, com a transferência das repartições para o Palácio novo, serão destinadas, a "título provisório", para outras repartições espalhadas aqui, acolá e por ligas esportivas.

O pretexto alegado, senhor prefeito, é pueril. Sabemos o que significa o "provisório" neste País. Quase sempre eterniza-se. A palavra ganha, entre nós, uma nova interpretação. Não é assim mesmo? O caso da Faculdade de Medicina, que foi ocupar dependências da Maternidade por dois ou três meses, mas lá ficou anos, é bem recente.

Porque o senhor, caríssimo prefeito, mandando às favas todos os pedidos, todas as injunções que porventura esteja sofrendo, não determina logo a instalação do Museu Municipal no velho casarão? Estou sendo precipitado? Não há dinheiro?

Ora, a turma do MMDC — pessoal formidável que mantém bem viva a chama do ideal que a levou para as trincheiras de Buri e Eleutério está com o seu museu prontinho da silva para ser instalado, inclusive com os armários e estantes, disposto mesmo a fazer a mudança por sua conta, sem que a Prefeitura gaste um centavo sequer. O que não representaria para Campinas, senhor prefeito, o Museu 9 de Julho, mostrando a essa meninada de hoje o que foi a gloriosa epopéia que sacudiu São Paulo no ano de 1932?

O Museu Arquidiocesano, que o sr. Celso Maria de Melo Pupo e o com. Theodoro de Souza Campos Junior, dirigem com tanta dedicação, está também em condições de ser transferido para o Palácio dos Azulejos.

Tem mais, senhor prefeito. A parte histórica do Museu do Bosque, tanta coisa preciosa, pode, muito bem, ser transferida para o velho Paço, sem nomeações onerosas, questão apenas de boa vontade e de querer realizar alguma coisa marcante e indelével.

Aceite minha sugestão, senhor prefeito. Não permita que o Palácio dos Azulejos se transforme num cortiço de repartições e sedes de clubes esportivos. Dê a Campinas o Museu que ela tanto necessita. Como homenagem ao passado glorioso da cidade. E num gesto de alta expressão cultural.

Faça isso senhor prefeito. Seu nome ficará na história. Na história e na gratidão de todos nós.